



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i3.1543>



Maria Aparecida de Moraes Silva: uma trajetória sociológica voltada à vida e ao labor no campo

Bruno César Pereira*

ORCID iD 0000-0002-7975-6024

Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, São Carlos, Brasil

Maristela Carneiro*

ORCID iD 0000-0002-6335-7379

Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Cuiabá, Brasil

Resumo: Objetivamos neste texto realizar alguns apontamentos a respeito da trajetória intelectual e agenda de pesquisa da socióloga Maria Aparecida de Moraes Silva, referência no campo dos Estudos Rurais. Neste texto/homenagem, focalizando as conjunturas e as consequências das contradições observadas pela pesquisadora ao longo de meio século de pesquisa, pontuamos suas discussões sobre as transformações das relações de trabalho no campo brasileiro, e no paulista em particular. Ponto de interesse e destaque neste texto será a apresentação do repositório digital *Vozes e Memórias*, espaço que se configura como um “banco de histórias” que busca combater o “memoricídio” das experiências, trajetórias, histórias de vida e memórias de milhares de pessoas que labutaram nas terras paulistas.

Palavras-chave: Trajetória intelectual; Estudos Rurais; Maria Aparecida de Moraes Silva; repositório digital.

Maria Aparecida de Moraes Silva: a sociological trajectory geared towards life and labor in the countryside

Abstract: We aim in this text to make some observations on the intellectual trajectory and researching agenda of sociologist Maria Aparecida de Moraes Silva, a prominent scholar in the field of Rural Studies.

* Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Mestre em História pela Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: pereirabcesar96@gmail.com.

* Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Docente Adjunta lotada na Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da mesma Instituição de Ensino Superior. E-mail: maristelacarneiro86@gmail.com.

In this text/homage, focusing the contexts and the consequences of the contradictions observed by this researcher throughout half a century of research, we highlight her discussions on the transformations of work relations in the Brazilian countryside, and particularly in the São Paulo countryside. A point of focus and highlight in this text will be the presentation of the digital repository *Vozes e Memórias* (“Voices and Memories”), a space that constitutes itself as a “bank of histories”, looking to fight the “memoricide” of experiences, trajectories, life stories and memories of thousands of people that labored in the São Paulo state territories.

Keywords: Intellectual trajectory; Rural Studies; Maria Aparecida de Moraes Silva; digital repository.

A sociologia que faço é a sociologia do sofrimento, forjada no coração da riqueza do agronegócio desse país. Conquanto, esta sociologia é movida pela crença, segundo a qual, todos os tipos de pessoas pequenas, fazendo pequenos atos de pequenas maneiras em pequenos lugares, mudaram o mundo. É uma sociologia que não está do lado dos vencedores, mas, do lado dos que foram levados ao fracasso. No entanto, lembrando as palavras de Darcy Ribeiro, posso dizer que não é uma sociologia do fracasso, pois eu detestaria estar do lado de quem venceu. Talvez, uma sociologia marcada pela utopia.

(Trecho final do discurso proferido por Maria Aparecida de Moraes Silva em sua laureação ao Prêmio ANPOCS de “Excelência Acadêmica Antônio Flávio Pierucci em Sociologia”, realizado no 48º Encontro Anual ANPOCS, em 23 de outubro de 2024, Campinas, São Paulo)¹

Maria Aparecida de Moraes Silva é filha de pequenos sitiantes do interior de São Paulo, nasceu no município de Altinópolis e viveu parte de sua infância no mundo rural, nas terras herdadas de seus avós, vindos de Minas Gerais, no final do século XIX. Sua trajetória acadêmica se iniciou com a graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp, Campus Araraquara) em meio aos primeiros anos da Ditadura Militar brasileira (1964-1968).² Realizou seu mestrado (1978) e doutorado (1980) em *Sociologie du Développement*, ambos desenvolvidos na Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne). É livre docente pela Unesp (1997) e, atualmente, é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da

1 O discurso completo proferido pela socióloga Maria Aparecida de Moraes Silva pode ser consultado no site da instituição. Disponível em: <https://anpocs.org.br/2024/11/06/discurso-de-maria-aparecida-de-moraes-no-premio-anpocs-de-excelencia-academica-2024>. Acesso em: 10 dez. 2025.

2 Sobre esta passagem da trajetória da pesquisadora, indicamos a leitura de sua entrevista para a revista *Áskesis*, em Moraes Silva (2022).

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), instituição onde coordena o grupo de pesquisa “Terra, Trabalho, Memória e Migração” (Trama/CNPq).

Moraes Silva se notabiliza como uma das principais referências no Brasil no campo dos estudos da Sociologia Rural, sobretudo, dedicando-se, desde fins da década de 1970, às transformações do campo, atentando-se à reestruturação produtiva no setor agrícola (o paulatino desaparecimento dos cafezais e o avanço dos canaviais), às mudanças das paisagens do rural, o desaparecimento de certos modos de vida e às condições dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, com destaque para a região da Grande Ribeirão Preto, nordeste do estado de São Paulo.

Seu interesse por esses campos de pesquisa, como ressalta a pesquisadora, evocando a célebre frase da socióloga Heleieth Saffioti – professora de Moraes Silva em sua graduação e colega de trabalho na Unesp nas décadas de 1980 e 1990: “não somos nós que escolhemos o objeto, mas é o objeto que nos escolhe” (*apud* Vicente *et al.*, 2023). Sua trajetória acadêmica possui lastro em sua própria trajetória pessoal, em vista de sua origem - filha de sitiantes do interior paulista, grupo que esteve próximo àqueles que constituíram a base empírica de suas pesquisas, em confluência com sua percepção das transformações do mundo que vive, mora e habita. Um mundo que se encontrava em rápida transformação (Moraes Silva, 2024a), ou melhor, em uma “trágica modernização” (Moraes Silva, 1999).³

Sua contribuição com as lutas sociais por direitos de dignidade extrapola os muros da academia e se espalha por diversas organizações, como as Pastorais Sociais, Sindicatos e Ministério Público do Trabalho, contribuindo significativamente para conquistas dos direitos desses sujeitos. Além da rica produção acadêmica e metodológica,⁴ Moraes Silva sempre esteve voltada para a produção de redes colaborativas, demonstrando a importância da cooperação e de parcerias significativas, especialmente entre diversas organizações da sociedade civil e governamental.

Reconhecida como uma das mais importantes intelectuais no campo da memória das migrações, dos conflitos do campo e dos Estudos Rurais em geral, Moraes Silva é especialista no tema dos trabalhadores e trabalhadoras migrantes no corte da cana-de-açúcar, em especial naqueles migrados do Vale do Jequitinhonha (Norte de Minas Gerais) e do Nordeste brasileiro para o interior do estado de São Paulo. Nas palavras

3 A “trágica modernização”, tema tratado pela autora em diversos de seus escritos, refere-se às transformações do espaço e do(a) trabalhador(a) rural ao longo da segunda metade do século XX. Este processo histórico de modernização, regulamentado e intensificado pelo próprio Estado, através do Estatuto da Terra (ET) e do Estatuto do Trabalhador Rural (ETR), intensificou diversas formas de expropriação de pequenos produtores e alterou as relações de trabalho, a partir de uma série de dispositivos jurídicos, resultando na expulsão de mais de dois milhões e meio de parceiros, arrendatários, colonos e sitiantes dos campos paulistas. Bem como fundou e consolidou uma nova categoria de trabalhador(a), o chamado boia-fria, criado após as mudanças na maneira de produzir e que se encontravam duplamente negados, tanto no trabalho permanente quanto nos direitos trabalhistas.

4 Moraes Silva destaca-se por suas metodologias inovadoras de pesquisa qualitativa com desenhos, mapas afetivos e oficinas, sobre elas, indicamos: Moraes Silva, Melo e Apolinário (2007), Moraes Silva e Melo (2009b), Moraes Silva, Melo e Apolinário (2013), Moraes Silva (2018).

de Valéria Magalhães:

O brilhantismo de seu trabalho consiste, entre outras coisas, em jogar luz à subjetividade e às emoções envolvidas nos processos migratórios e nas relações de trabalho no campo, colorindo a frieza das explicações puramente estatísticas que podem reduzir as migrações apenas a fluxos e deslocamentos. A dedicação à metodologia permitiu que ela avançasse para uma percepção multifacetada da realidade social do migrante e do trabalhador rural (*apud* Moraes Silva, 2023b, p. 524).

Autora de livros e textos seminais, geralmente escritos em tom poético, conforme confessou, não realizado de forma intencional, procurou e ainda procura registrar de forma “suavizada” a vida das pessoas, em grande parte trabalhadores e trabalhadoras rurais que possuem suas trajetórias pessoais atravessadas por uma realidade de sofrimentos e privações (Moraes Silva, 2023a). Buscando vários eixos dispersos no mundo social, a pesquisadora visa em seus estudos revelar em profundidade realidades concretas vivenciadas pelos sujeitos, tendo como norte, em seu fazer sociológico, possibilitar, através de seus escritos, que “[...] as pessoas saiam ‘das gavetas’ para ‘conhecerem todo o armário’” (Moraes Silva, 2023a, p. 243). Assim, a poética em seu trabalho é resultado de uma análise que pretende chegar “[...] aos sentimentos dessas pessoas. A ideia é não as ver somente como força de trabalho, ou como objetos de exploração” (Moraes Silva, 2023a, p. 246). A sensibilidade para as condições de vida e trabalho das pessoas subalternizadas é uma marca e tem orientado toda a trajetória intelectual de suas produções.⁵

Para Rodrigo Constante Martins (2024, p. 5), Moraes Silva trilha suas análises compreendendo o trabalho não como uma categoria abstrata, ou seja, como força de trabalho abstraída de características sociais particulares. Seus estudos, desde fins do século passado, pontuam que

[...] os trabalhadores rurais eram abordados na diversidade das formas sociais que os constituíam e os classificavam. Ou seja, os assalariados rurais emergiam como sujeitos de classe dotados de corpo, gênero, geração, origem, raça/etnia. E estas construções, hoje chamadas de marcadores sociais, apareciam nos trabalhos de Moraes Silva como efetiva concretude e realidade da força de trabalho abstrata das interpretações sobre o tempo de trabalho na agricultura.

Na esteira das discussões de Moraes Silva, o autor afirma que “[...] o trabalho temporário não foi a expressão da limitação técnica do capitalismo, de sua fraqueza

5 Em comemoração do octogésimo aniversário de Maria Aparecida de Moraes Silva, foi publicado no volume 14 da revista Contemporânea (2024) um Dossiê composto de seis artigos que se debruçam sobre a trajetória da pesquisadora. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/issue/view/39>. Acesso em: 10 dez. 2025.

ou suposta inconclusividade. Tampouco foi o escape possível para um hipotético estrangulamento econômico” (Martins, 2024, p. 5). Na interpretação lançada pela autora, o trabalho temporário correspondeu a uma escolha política, que visou o alcance de altos níveis de acumulação em um contexto histórico de concentração fundiária. Como apontado por Eric Hobsbawm (2007, p. 284), uma das consequências mais evidentes da consolidação do capitalismo no século XX: “[...] a mudança social mais impressionante e de mais longo alcance da segunda metade deste século, e que nos isola para sempre do mundo do passado, é a morte do campesinato”. Com isso, o autor apontava a tendência global da concentração de terras nas mãos de poucos e da precarização do trabalho rural que se observou após a Segunda Guerra Mundial.

Da mesma forma, ao analisar processos como as expropriações, desenraizamentos e explorações e atentando-se sobre as experiências de trabalho e de vida nos diversos espaços que os sujeitos de suas pesquisas circularam, considerou tanto os aspectos materiais quanto os simbólicos. Possuindo como eixos centrais em suas análises as interseções entre as categorias trabalho, gênero, raça e classe e os articulando às noções de estrutura e agência, às relações de dominação e resistência, às subjetividades, às narrativas e memórias (Menezes, 2024).

Moraes Silva lança luz ao mundo subterrâneo da expansão e modernização da agroindústria canaveira em São Paulo, e nos revela, dentre múltiplos aspectos, os inúmeros episódios de expropriação e de mudanças nas relações de trabalho. Em um só golpe, amparada pelo próprio Estado, como situa a autora em seu livro *Errantes do fim do século* (1999), a modernização e a consequente elevação do nível de tecnificação das lavouras, gerou a expansão do cultivo de cana e intensificou a proletarização da força de trabalho, sendo ambos os aspectos basilares para a construção desse setor produtivo (Verçoza; Moraes Silva, 2012; Martins, 2024). Processo histórico que modificou o horizonte rural, resultando na expulsão de centenas de trabalhadores residentes desses espaços, desde colonos, trabalhadores permanentes, parceiros e pequenos arrendatários, e gerou uma profunda transformação na paisagem e, também, nos modos de vida dos sujeitos (Mendonça, 2002).

Se em seus primeiros trabalhos (fins da década de 1970), especialmente em sua dissertação e em sua tese, seu foco de pesquisa se concentrou nas análises das questões da classe social, pontuando o processo de transformação do colono em boia-fria, trabalhadores permanentes que tinham vínculo com a terra e que foram expropriados dos seus meios de trabalho, bem como foram forçados a migrar para as periferias das cidades da região da Grande Ribeirão Preto, seus estudos, desde fins da década de 1980 até o presente momento, deparam-se com outras realidades, especialmente com dos(as) trabalhadores(as) temporários(as) migrantes. É nesse momento que marcadores como gênero e raça/etnia tornam-se centrais, não somente para analisar as relações de trabalho, mas para pontuar as questões que envolvem os espaços reprodutivos; em síntese, pensar as questões migratórias.

A migração tornou-se tema central em suas análises. Ancorada e em diálogo constante com Abdelmalek Sayad (1998, 2000, 2010), sua interpretação é de que migração não se trata de um simples deslocamento de força de trabalho, não é apenas um ato que comprime e encerra o *ser* na dimensão econômica e temporária do trabalho, para ela, é “[...] necessário investigar os mecanismos responsáveis pela gênese do processo que produziu o emigrante, este sobranço, disponível para migrar”, afirmando também que “[...] é preciso se perguntar como tais trabalhos no outro espaço social são disponíveis e ainda mais: disponíveis para os imigrantes” (Moraes Silva, 2020, p. 229). Na busca por compreender os(as) trabalhadores(as) rurais migrantes que labutavam em meio às plantações paulistas em sua completude, a pesquisadora seguiu a trilha desses sujeitos, deslocando-se até suas regiões de origem, analisando suas motivações e trajetórias, enxergando o trabalho para além do ponto de vista da classe social.

Sua abordagem se notabilizou por discutir a migração e suas características

[...] enquanto um acontecimento histórico, que atinge os(as) que partem e os(as) que ficam, sendo o acontecimento constituído por elementos objetivos, estruturais, ideológicos, culturais e subjetivos, vis-à-vis as organizações sociais de classe, gênero e raça/etnia (Moraes Silva; Melo, 2009a, p. 134).

Entendendo a migração como um processo sentido e vivenciado por aqueles(as) que a experimentam, migrar, para Moraes Silva (1997, p. 5) significou “[...] fazer-se, refazer-se no bojo de condições de vida e de trabalho produzidas e reproduzidas a partir da interação dos homens entre si e das condições historicamente dadas”. Mas, também, como experiência individual e social que afetou tanto os que migravam quanto aqueles(as) que ficavam.

Enfim, as migrações são compreendidas em seus estudos para além de meros deslocamentos de populações, mas como algo que fez parte da experiência e da memória dos sujeitos que partiram e, também, dos que ficaram. Considerando a complexidade das situações, Moraes Silva adota a postura de compreendê-las enquanto um processo social, e os(as) migrantes como agentes do processo.

A(s) migração(ões), nesse íterim, responderiam às necessidades materiais e básicas de sobrevivência, sejam elas a de comida, vestuário e medicamentos, mas também às necessidades de manter vivas as ilusões, sejam elas de melhoria, de ascensão social ou de projetos de vida. Ao compreender essa dialética, Moraes Silva se afasta dos dualismos e *excludências*, no sentido de que o real, ou seja, o palpável, é verdadeiro; e o irreal, o invisível, é falso. As representações sociais (os símbolos e o imaginário) são elementos do real, portanto, necessários. No entender de Moraes Silva e Mello (2009a, p. 135): “A ilusão é necessária e ela se apoia sobre uma base social”.

Em meio as análises traçadas nestas últimas décadas, especialmente aquelas dedicadas ao labor rural, aos sujeitos que executavam as atividades no campo e aos deslocamentos destes indivíduos pelo território nacional, Moraes Silva cunha a noção

de *trabalhadores permanentemente temporários*, para se referir ao grupo de sujeitos que ficavam por um período e, depois, quando o capital não mais precisava deles, eram devolvidos aos seus locais de origem e, em seguida, novamente voltavam. Ao cunhar essa noção e lapidar tal categoria ao longo dos últimos anos, Moraes Silva distanciou-se da literatura clássica acerca do tema das transformações do meio rural paulista, que observava a figura do chamado boia-fria, marco de discussões sobre o mundo rural do final do século XX, como parte de um grupo de sujeitos que compunham meramente um exército de reserva.⁶ Para a pesquisadora, esses sujeitos, trabalhadores temporários, não se resumiam a apenas isso, pois ser parte desse chamado exército de reserva pressupunha um nível de profissão, de relação de produção, de forças produtivas e, para ela, “[...] à medida que essas forças produtivas vão se alargando, o capital necessita de mais mão de obra, então aí ele atrai essa mão de obra reserva” (Moraes Silva, 2024a, p. 6).

Em seus estudos tal definição não se refletia. Nos casos analisados pela pesquisadora, o que ocorreu foi que os sujeitos eram usados enquanto força de trabalho apenas em um determinado período do ano e enquanto tal, permaneciam (Moraes Silva, 2024a). Logo, tratava-se de um grupo de sujeitos que viviam um processo de migração *permanentemente temporária*, pois, grande parte deles migrava todos os anos, tendo a vida dividida no espaço e no tempo, nem lá e nem cá, sempre em movimento (Moraes Silva, 2008a). Assim, a migração é permanente, mas o trabalho é temporário (Moraes Silva, 2023a). Ademais, as migrações desses sujeitos configuravam-se como estratégia de reprodução familiar, inclusive pelo fato de que a vinda para o estado de São Paulo viabilizava a vida dos que ficavam no Nordeste.

Resgatando histórias, memórias, trajetos e trajetórias de sujeitos que foram sobrepujadas em meio a uma “limpeza do terreno” (Moraes Silva, 2024b), a pesquisadora, ao longo das últimas décadas, acompanhou e analisou de perto muitas das transformações no campo paulista. Seus estudos pontuaram e analisaram desde as transformações do horizonte rural, o processo de expropriação de centenas de trabalhadores residentes desses espaços – colonos, trabalhadores permanentes, parceiros e pequenos arrendatários – que vivenciaram um processo de “migração forçada”, o assalariamento rural e a reestruturação espacial e produtiva do mundo rural paulista.

O avanço dos canaviais sobre as terras de plantar e a reestruturação produtiva implantada pelas usinas de cana-de-açúcar, como exposto em diversos de seus trabalhos, foram marcados pelo aumento da necessidade de mão de obra, pela intensidade da exploração e, não menos importante, pelas novas formas de divisão sexual do trabalho. Desde fins da década de 1970, em virtude dos incentivos estatais, sobretudo com os programas de apoio à produção de álcool (como, por exemplo, o Proálcool), houve o aumento da demanda de migrantes para a colheita.

6 Indicamos a leitura de Boechat (2020), que constrói um interessante e pertinente panorama acerca dos debates canônicos da segunda metade do século XX sobre o nascimento do chamado trabalhador boia-fria.

Assiste-se, desde então à vinda de centenas de milhares de nordestinos e mineiros, compondo a migração permanentemente temporária, dado que o período de suas estadas se referia ao trabalho na colheita. Assim, se formaram, com o decorrer dos anos, verdadeiros corredores de migração, percorridos por pessoas, cujas vidas eram caracterizadas pelo eterno vaivém, pelo nem lá, nem cá (Moraes Silva, 2024b, p. 9).

Em fins da década de 1980, em virtude de uma nova reestruturação produtiva, que gerou alterações no mercado de trabalho e também nas formas de organização do trabalho (Melo; Moraes Silva, 2013, 2016), implantadas pelas usinas, por meio da mecanização das atividades do plantio, o emprego de fertilizantes e inseticidas, bem como a intensificação da exploração, os trabalhadores *permanentemente temporários*, categoria chave dos estudos de Moraes Silva, passaram a ser constantemente pressionados a uma situação de instabilidade, sua presença em meio aos canaviais foi marcada, cada vez mais, pela superexploração de sua força de trabalho.

Contudo, ao longo da primeira década do século vigente, em virtude das intensas manifestações por parte desses trabalhadores, como greves e paralisações contra a precariedade do tratamento dado a eles e da contínua intensificação sobre a produtividade, aliada ao crescente apoio e fiscalização de instituições públicas e as denúncias por parte dos órgãos de fiscalização governamentais e não governamentais, amplamente expostas pela mídia nacional e internacional, veio à superfície a barbárie que estava ocorrendo nos canaviais, como as mortes de trabalhadores supostamente motivadas pelo excesso de trabalho. Ademais, intensificavam-se as críticas ao setor, no que tocam às questões ambientais, especialmente as milhões de toneladas de gases advindos da queima da palha, realizada antes do corte, que poderiam acarretar doenças respiratórias e o crescimento de internações de pessoas mais vulneráveis, como crianças, idosos e portadores de enfermidades crônicas.

Essas manifestações geraram a criação de arranjos institucionais, como o Protocolo Agroambiental firmado entre a União da Indústria Canavieira (Unica) e o governo estadual, em 2007, e do Pacto de Livre Adesão, firmado em 2009, pelos representantes dos trabalhadores, do governo federal e do patronato, que, além de visar tornar essa produção sustentável, ambiental e socialmente, buscava atender e conciliar, em grande medida, as reivindicações sindicais e dos trabalhadores, e melhorar a imagem do setor diante do mercado internacional, ao menos no papel (Moraes Silva, 2011a, 2013; Moraes Silva; Bueno; Melo, 2014).

Todavia, como ressaltou Moraes Silva ao longo da última década, os avanços com relação às condições dignas de trabalho foram interrompidos em virtude da vertiginosa mecanização do corte da cana-de-açúcar.⁷ No início do século XXI, a mecanização

7 Conforme Maciel e Favoretto (2013), as colheitadeiras não correspondem a uma “invenção recente”. No estado de São Paulo, desde meados de 1970, as colheitadeiras já eram utilizadas, sobretudo, no início das safras, mas, seu uso esteve ligado, significativamente, a uma forma de ameaça ao emprego, mormente para que os trabalhadores aceitassem menores salários, além de servir como resposta patronal às greves, realizadas pelos trabalhadores do corte em resistência à imposição de mudanças no processo produtivo.

se colocou como prioridade diante não apenas da nova dinâmica do complexo agroindustrial canavieiro, mas da reivindicação pelo fim da queima da palha da cana. Segundo Maciel e Favoretto (2013, p. 413), “[...] a mecanização do corte se torna desejável, então, ao resolver essas três questões de uma só vez. Sem a necessidade de queimadas, mitiga os prejuízos ao meio ambiente e, com a eliminação do corte manual, ‘resolve’ a questão social e trabalhista”.

Moraes Silva e Reis (2020), em apresentação e análise de dados acerca do processo de mecanização do corte da cana no estado de São Paulo na primeira década do século XX, informam que em pouco mais de cinco anos, de 2004 a 2009/2010, a cana-de-açúcar passou de 70% cortada, manualmente, para 97% cortada por máquinas.⁸ As máquinas, como pontuam as autoras, advindas do intenso desenvolvimento tecnológico das últimas três décadas, passaram a apagar os rastros do itinerário de vida de centenas de milhares de trabalhadores que labutaram no espaço rural paulista.

O mundo visível é o das *commodities*. Nos subterrâneos desse mundo foram sepultadas as memórias, as experiências de milhares de homens e mulheres, negros, pardos, mestiços, pobres, cuja força de trabalho foi responsável pela produção dessa riqueza (Moraes Silva; Reis, 2020, p. 12).

É em meio a esse cenário apresentado acima que destacamos os recentes debates e esforços de Moraes Silva (2020b; 2021; 2023a, 2024a; 2024b), que tem se dedicado a ir na contramão do memoricídio que se vem operando sobre as trajetórias e experiências laborais e cotidianas de milhares de sujeitos que labutaram nos campos paulistas. Seus estudos têm se consolidado enquanto lugares de memórias que contêm vozes, experiências, trajetórias, sentimentos e ressentimentos de sujeitos, migrantes, trabalhadores que se encontram silenciados e invisibilizados socialmente. Sujeitos que foram escamoteados nos subterrâneos do chamado agronegócio brasileiro. Seus trabalhos, ademais de outros objetivos, tornam públicas narrativas emitidas pelos próprios sujeitos e não negam, ou mesmo reconstroem, suas histórias que, por premissa, poderiam ser tomadas como distantes do plano da realidade. Emergem deles existências humanas reais, muitas das quais não contabilizadas nos números frios das estatísticas.

Na contramão do apagamento apresentado na seção acima, Maria Aparecida de Moraes Silva criou o repositório *Vozes e Memórias*,⁹ constituído de cerca de mil horas de entrevistas realizadas no período de 1983 a 2017. As narrativas são de homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras rurais entrevistados por ela em seus locais de moradia, nos barracões, nos alojamentos, nas cidades dormitórias e nos próprios locais

8 Os trabalhos de Moraes Silva, Bueno e Melo (2014) e Verçoza e Moraes Silva (2017) apresentam um importante panorama da reestruturação produtiva da agroindústria canavieira na segunda década do século XXI, bem como a situação de degradação física de trabalhadores em canaviais, decorrente das condições de trabalho e exploração no período, tanto em São Paulo como em Alagoas.

9 Disponível em: <https://www.vozesememorias.com.br/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

de trabalho, sujeitos que labutaram nas grandes plantações em São Paulo colhendo, plantando e limpando os terrenos entremeio aos pés de cana, café e laranja.

A proposta desse espaço, como ressalta a pesquisadora, na apresentação do repositório e em entrevista recentemente publicada no periódico *Estudos Sociedade e Agricultura* (Moraes Silva, 2024a), nasceu a partir de sua constatação de que, além do desaparecimento e da invisibilidade desses(as) trabalhadores(as), assistimos a um verdadeiro *memoricídio*. Na contramão deste processo de apagamento, o repositório tem como objetivo “[...] reconstruir o passado, desdobrando-o e trazendo-o ao presente, por meio das vozes silenciadas e das memórias ocultadas”.

Desse conjunto de relatos originaram trabalhos significativos de história oral, publicados em livros e periódicos nacionais e internacionais, como também em outras linguagens virtuais, como, por exemplo, as produções audiovisuais: *As Andorinhas. Nem lá, Nem cá* (1990b), *Senhores da terra. Donos do mundo* (2005) e *Fragmentos* (2011b). O acervo corresponde a numerosas trajetórias que se entrelaçam e se complementam. Tecem vidas e experiências marcadas pelo desenraizamento, expropriação e exploração. Como salienta a pesquisadora, a expropriação é a marca do aprofundamento do capitalismo no campo e “[...] insere-se num processo longo, necessariamente histórico, pleno de meandros e sutilezas nem sempre visíveis e reconhecíveis” (Moraes Silva, 1990a, p. 6).

Ao dirigirmos nossa atenção a esta iniciativa, observamos que repositório digital *Vozes e Memórias* constrói sua ênfase na geração de espaço para os relatos que poderiam se perder em meio aos fluxos migratórios de trabalhadores, mantidos em um estado de permanente instabilidade para o benefício do agronegócio paulista. A proposta de Moraes Silva agrega-se a outras iniciativas louváveis, que desde fins do século passado, promovidas por diversas instituições no Brasil, têm se dedicado à criação de espaços, físicos ou digitais, para a preservação de acervos de documentação oral, escrita e visual.

Tais iniciativas permitiram a expansão de pesquisas no campo das Ciências Humanas e Sociais, além de assegurarem a preservação das memórias para além do tempo de vida dos depoentes, possibilitando, assim, que o público em geral obtenha acesso e reflita sobre o passado a partir do ponto de vista daqueles sujeitos que o vivenciaram em primeira mão. Ademais, destacam-se os recentes e extensivos esforços daqueles que têm se dedicado a fomentar e visibilizar trajetórias, narrativas e memórias de grupos invisibilizados e marginalizados pela História Tradicional, em síntese, projetos que rompem com o “silêncio dos arquivos” (Perrot, 1989).

O repositório aqui apresentado, *Vozes e Memórias*, que pode se caracterizar melhor como um “banco de histórias” (Meihy; Seawright, 2020), disponibiliza um amplo conjunto de entrevistas produzidas por Moraes Silva ao longo de mais de trinta anos de pesquisa. Os áudios e vídeos são narrativas de personagens “subalternos”, vozes não oficiais, segundo a ótica da “história vista de baixo”, que “[...] raramente estão documentadas [oficialmente], e expressam suas experiências de vida e de trabalho,

essenciais na viabilização da vida social” (Menezes, 2020, p. 7).

A proposta desse acervo torna público a documentação oral, visual e escrita coletada na trajetória de suas pesquisas e, mesmo não sendo seu objetivo, ao tornar público os relatos, Moraes Silva suscita a possibilidade de novas pesquisas, que podem vir a colaborar com as já existentes e alargar o alcance das discussões, incentivando outros pesquisadores a vivificar o acervo e encontrar fontes de suas próprias pesquisas. Conforme ressalta Zanatta (2019, p. 15), a disponibilização de conteúdo de modo *online* acaba por proporcionar “[...] um maior número de análises, identificações e reinterpretações”, provocando “[...] releituras não só dos documentos em questão, como da própria história e de seus desdobramentos sociológicos, políticos e antropológicos”.



The image shows a screenshot of the website 'VOZES E MEMÓRIAS'. At the top left is the logo with the text 'VOZES E MEMÓRIAS'. To the right is a navigation bar with links for 'HOME', 'PUBLICAÇÕES', 'PESQUISAS', 'AGRADECIMENTOS', a blue 'Acessar' button, and a dropdown arrow for 'Idioma'. Below the navigation bar is a large blue graphic element on the left side. The main content area features a photograph of two women sitting on wooden stools outdoors, engaged in conversation. To the right of the photo is the article title 'Vozes e Memórias' in bold. Below the title are several paragraphs of text, including a description of the archive's purpose and a list of interview locations.

VOZES E MEMÓRIAS

HOME PUBLICAÇÕES PESQUISAS AGRADECIMENTOS Acessar Idioma ▾

Vozes e Memórias

O viajante, que se destinar ao interior do estado de São Paulo, verá um grande “mar de cana”, estendendo-se por quase seis milhões de hectares, além de grandes fazendas produtoras de laranja e café. São Paulo é mundialmente conhecido pela produção destas commodities, graças aos recursos naturais - terra, água, clima -, emprego de tecnologias avançadas, apoio institucional e desenvolvimento científico. No entanto, a imagem de homens e mulheres laborando nos campos pouco será vista pelo viajante. Somente gigantescas máquinas descortinarão na paisagem.

Durante as últimas sete décadas, milhares de pessoas, negras e pardas, provenientes dos estados do nordeste e do norte de Minas Gerais labutaram nas terras paulistas, produzindo sua história laboral, cuja face está sendo apagada.

Na contramão deste apagamento, nasceu a ideia do repositório *Vozes e memórias*, cujo objetivo é reconstruir o passado, desdobrando-o e trazendo-o ao presente, por meio das vozes silenciadas e das memórias ocultadas.

O repositório é um riquíssimo acervo, constituído de cerca de mil horas de entrevistas gravadas com homens e mulheres em vários “sertões” do país, nas grandes plantações em São Paulo e também nos sítios e assentamentos. As entrevistas foram realizadas no período de 1983-2017.

O repositório busca evitar o processo de *memoricideio* e revelar ao viajante as experiências das vidas talhadas com as mãos nos campos paulistas.

Nas pegadas de W. Benjamin, é necessário escovar a história a contrapelo e atender ao apelo que o passado nos faz.

Oxalá, *Vozes e memórias* possam acompanhar este viajante e muitos outros nas terras paulistas e além delas.

Imagem 1 – Apresentação do repositório digital *Vozes e Memórias*.

Fonte: <https://www.vozesememorias.com.br/>.

Ademais, ressalta-se que seu esforço é louvável, sobretudo se levarmos em consideração que os registros orais “[...] mostram-se [muitas vezes] a única possibilidade de recuperar um passado que, apesar de recente, deixou poucos traços” (Dias, 1994, p. 102). Talvez o verbo “recuperar” não seja o mais adequado, principalmente porque

observamos nesse repositório que seu conteúdo é composto de narrativas, e, conforme salienta Moraes Silva (2001a, p. 116), “[...] o narrador não descreve meramente o acontecido; ele, na verdade, vai além, isto é, ele interpreta o vivido segundo um conjunto de elementos (re)significados”. Neste sentido, segundo as considerações de Benjamin (1987, p. 202), “[...] articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como ele propriamente foi. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo”. Trata-se, enfim, de lutar contra os processos de apagamento promovidos por narrativas hegemônicas e elitistas, de partir em busca de um futuro mais plural para o campo das humanidades.

A partir das entrevistas dadas pela pesquisadora e publicadas em periódicos nacionais, bem como tomando suas considerações na apresentação/divulgação do repositório realizada em abril de 2022,¹⁰ conseguimos traçar quais foram suas motivações e inspirações para a construção do repositório. Ao longo das mais de três décadas de pesquisa, Moraes Silva juntou significativo acervo de fitas videocassete, todas organizadas, etiquetadas e guardadas em caixas.

Chegou em um determinado ponto que eu comecei a perceber que tinha que fazer alguma coisa com aquele material, não era somente pensar nos artigos que foram escritos, nos trabalhos, nos livros etc. Afirmo que o mais importante talvez, ou tão importante quanto os trabalhos escritos, são as vozes daquelas pessoas que estavam ali. Comecei a pensar exatamente num repositório digital que tivesse esse perfil, essa configuração (Moraes Silva, 2024a, p. 10-11).

Na busca de sua construção, a pesquisadora inspira-se nos museus da Memória e da Pessoa, ambos localizados em São Paulo, que correspondem a espaços que guardam a história de vida e as trajetórias de pessoas que viveram na capital paulista nas décadas de 1930 e 1940. Contudo, nestes espaços os relatos estão todos transcritos, não era isso que ela desejava (Moraes Silva, 2023a), seu anseio era que todos ouvissem as vozes; para ela, elas “[...] precisavam sair das caixas, ou seja, que não fosse a transcrição das fitas, porque eu tenho todas essas fitas transcritas, as vozes precisavam sair das caixas” (Moraes Silva, 2024a, p. 11).

Ao nos depararmos com as vozes dos sujeitos que compõem este rico acervo, é possível, também, a partir das perguntas feitas pela pesquisadora, percebermos os desvios, as “desconversas”, o tom das falas, as nuances de respostas evasivas e os silêncios (Bauer, 2010). Muito, evidentemente, é expresso por meio daquilo que não é enunciado, enredos aprisionados nos meandros do subtexto e da nuance.

10 Evento realizado em 26 de abril de 2022, organizado pelo Grupo de Trabalho CLACSO “Trabalho agrícola, desigualdades e ruralidades”, ocorreu de modo virtual e, além, da apresentação de Moraes Silva, que abordou os desafios de produzir um repositório digital sobre a memória dos trabalhadores rurais, contou com a participação das renomadas sociólogas Marilda Aparecida de Menezes e Josefa Salete Barbosa Cavalcanti, como comentadoras.

As narrativas são manifestadas por palavras, com base em relatos individuais e, também, pelos silêncios: “[...] o silêncio é uma outra maneira de dizer. O indizível pode se referir a traumas, sofrimentos e não necessariamente ao esquecimento” (Moraes Silva, 2006, p. 41). O “não-dito” não é uma forma de esquecimento, mas um tipo de resistência consciente (Pollak, 1989). Ao não dizer, ficar em silêncio, mudar os rumos da conversa, os sujeitos se resguardam de possíveis sofrimentos e constrangimentos.

Todo acervo particular contendo os vídeos, áudios e imagens (totalizando quase setecentas fitas cassete) são referentes às entrevistas coletadas por Moraes Silva para o desenvolvimento de inúmeros projetos temáticos de pesquisa no recorte de 1983 a 2017. O acervo, composto de relatos orais dos mais diversos foram realizados com trabalhadores(as) rurais, seus filhos(as) e companheiras(os), crianças, idosos(as), sitiante, sindicalistas, assentados(as), médicos(as), enfermeiras(os), professoras(es), advogados(as), entre outros tantos sujeitos. Mesmo que muitos tenham sido realizados há mais de trinta anos, os áudios não estão danificados, o que evidencia, de certa forma, que o material foi acondicionado de maneira adequada ao longo de todo este período. Destaca-se ainda, que além das entrevistas individuais, o acervo também conta com áudios referentes a algumas oficinas realizadas com os sujeitos pesquisados e eventos da área de Estudos Rurais.

Para a construção do repositório como ela nos expõe, os relatos passaram primeiramente por uma catalogação, seguindo as pesquisas cronologicamente desenvolvidas no período. Foram removidos dos áudios e vídeos nomes dos sujeitos entrevistados, sua não identificação visou, conforme destaca a pesquisadora, “[...] proteger suas identidades”, pois, mesmo que muitas das pessoas entrevistadas já tenham falecido:

[...] por outro lado, muitas delas têm filhos, netos e/ou parentes que estão trabalhando nas usinas em outras funções. Pensando justamente nessa possibilidade de qualquer interferência por parte das empresas, optamos por não colocar o nome das pessoas (Moraes Silva, 2024b, p. 14).

Feita esta catalogação, organização e retirada das identificações, na sequência, sob orientação de Leandro d’Agostino, profissional da área da computação, com auxílio da socióloga Tainá Reis, o material passou por uma digitalização e organização final.¹¹ Este processo, desde a “gestação” do projeto até a publicação como repositório, ocorreu entre os anos de 2018 e 2022.

Em números gerais, o repositório é dividido em 14 pesquisas, cada qual contendo período da realização, breve resumo em português, podendo ser alterado para inglês ou francês, além de palavras-chave e informações sobre apoio financeiro. Ao todo somam

11 Detalhes desse processo técnico podem ser consultados na segunda parte do artigo “Em busca de um lugar de memória de trabalhadores/as rurais.: constituição de um repositório digital em dois espaços-tempo” (Moraes Silva; Reis, 2020), publicado na revista Travessia.

525 arquivos de áudio, 23 arquivos de vídeo, 914 imagens e 6 arquivos de texto, além de, na aba publicações, 43 produções acadêmicas da pesquisadora (livros, capítulos e artigos). Para acesso aos arquivos que compõem o repositório, é necessário a realização de um breve cadastro, no qual se solicita o nome completo, e-mail e instituição de vínculo.

O acervo de Moraes Silva, ao ser disponibilizado no mundo digital, não mais se desgastará, não será afetado pela luz ou por qualquer intempérie do tempo, bem como, tornou-se acessível a qualquer sujeito que desejar escutar os relatos.¹² O material físico voltou às caixas, mas, as vozes, como era desejo da organizadora do repositório, saíram delas e ganharam o mundo e, para escutá-las, bastam apenas alguns cliques.

Ademais, na medida em que foram disponibilizados documentos, imagens, registros de áudios e vídeos que foram utilizados para a produção de cada uma de suas pesquisas ao longo das últimas décadas, é possível acompanharmos os percursos e trajetões dos estudos de Moraes Silva, de forma que podemos refazê-los, parcial ou totalmente. “Os documentos orais pertencem à ordem do múltiplo. Disponibilizá-los em um museu virtual significa estender o múltiplo em sua reprodução ilimitada” (Bauer, 2010, p. 61).

Retomando o ponto acerca de suas motivações para o desenvolvimento do repositório, cabe retomarmos, mais uma vez, a sua trajetória profissional, ou melhor, o seu “fazer sociologia”. Moraes Silva tem sua trajetória de pesquisadora dedicada aos Estudos Rurais, acompanhando nos últimos 40 anos as transformações do mundo rural, do nascimento ao desaparecimento dos boias-frias (1960-1970), o emprego massivo de trabalhadores *permanentemente temporários* no corte da cana (1980), e a rápida substituição destes últimos pelas máquinas. Em fins da primeira década do século vigente, conforme destaca a pesquisadora, ocorreu a chamada “grande transformação”, processo de gigantesca intensificação do processo de mecanização do corte da cana-de-açúcar que culmina na chamada agricultura 4.0, caracterizada pelo emprego das grandes máquinas¹³ e pelo domínio e controle das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Se em 2008, 70% da cana estava sendo cortada manualmente, em fins da década seguinte 99% passou a ser cortada mecanicamente, eliminando mais de 120 mil postos de trabalho. Isso significou o desaparecimento do cortador de cana e, conseqüentemente, o estancamento das migrações da forma como elas vinham ocorrendo anualmente. O alijamento desses trabalhadores nessa atividade não se encerrou, conforme dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) nas safras de 2023/24, o percentual de sujeitos empregados no corte manual da cana chegou apenas a 0,02%, ou seja, hoje,

12 Tendo em conta que, para que isso ocorra efetivamente, deve ser garantida a manutenção do domínio, o que depende do interesse de novos investigadores, recursos adequados e a devida circulação nos espaços de ensino.

13 Uma única colheitadeira é capaz de colher o mesmo quantum de cana que 120 trabalhadores diariamente.

praticamente houve a eliminação total dos migrantes temporários no corte da cana-de-açúcar.

É partindo da constatação do quase completo desaparecimento desses trabalhadores, bem como da invisibilidade dos poucos que restaram, que Moraes Silva, na busca por evitar a amnésia histórica, o apagamento da história e consequentemente o memoricídio das trajetórias, experiências e memórias dos dos(as) trabalhadores(as), criou o repositório *Vozes e Memórias*, assim, trazendo à luz pedaços de histórias, cacós, trajetórias de trabalhadores e trabalhadoras que labutaram nos espaços rurais, em especial nos campos paulistas. São histórias singulares que revelam as faces da dor e sofrimento causados, seja pela migração, como pelo trabalho, em síntese, são histórias que “[...] desnudam a ideologia dominante da produção do denominado agronegócio paulista” (Moraes Silva, 2024b, p. 15).

Se há o memoricídio, se há a amnésia histórica, o repositório tem principalmente esse sentido contrário: ouvir as vozes dessas pessoas que sempre tiveram vozes, não é que eu estou dando voz a elas, elas sempre tiveram vozes, a questão é que elas não eram escutadas. E ali elas podem ser escutadas, qualquer pessoa interessada pode ouvir aquelas histórias todas. Então não sou eu contando, são as pessoas relatando aquilo que elas vivenciaram nos canaviais, cafezais, laranjais aqui de São Paulo. São suas vivências e experiências que estão ali guardadas.

O repositório digital é eleito pela pesquisadora como sua maior contribuição. Para a autora, trata-se de disponibilizar e difundir uma fortuna de conhecimento para o embasamento de futuras pesquisas e possíveis políticas públicas. Em suas palavras, as vozes, os relatos, as trajetórias de vida contidas nesse espaço digital, e em conjunto são vozes a serem ouvidas por todos. Senão, vejamos:

São as vozes que vão ficar. São discursos verdadeiros, de pessoas de verdade. Não são falaciosos nem muito menos Fake News. Essa é a minha contribuição. Acredito que essa é uma grande contribuição para a transformação social. É um pontinho, mas para mim é grande. Digo isso, porque a memória é a memória subterrânea, aquela memória que incomoda. Então não adianta você colocar maravilhas do lado do negócio Paulista, porque não foi assim que as coisas aconteceram (Moraes Silva, 2023a, p. 249).

Ao que nos parece, aqui concordando com a perspectiva de Portelli (2016), é a de que o repositório elaborado por Moraes Silva não se encaixa no rótulo genérico de uma mera “restituição”, ou seja, um retorno de conhecimento sobre determinados temas. Sua contribuição está na elaboração e articulação dos conhecimentos e na sua disseminação para além de sua fronteira. Moraes Silva torna público, além de seus estudos com essas narrativas, as vozes e memórias de sujeitos que vivenciaram diferentes fenômenos, quais sejam: as expropriações rurais, as migrações forçadas, as modificações

das paisagens rurais paulistas, mineiras e nordestinas e, não menos importante, as transformações de modos de vida.

Conclusão

A guisa de conclusão, ressaltamos que ao que nos indica os estudos e esforços de Moraes Silva ao longo destas últimas cinco décadas, sua trajetória acadêmica é marcada por um intenso trabalho de reparação histórica e de lutas contra processos como o de apagamento e das narrativas hegemônicas que escamotearam sujeitos, histórias, trajetórias e experiências.

Sua vida, obra e trabalho carregam marcas que são indissociáveis do seu fazer sociológico, uma sociologia, como ressaltou em seu discurso recente, consagrada como ofício, como crítica, como artesanato científico e como esporte de combate. Exemplo mais bem acabado de sua trajetória até aqui é o repositório apresentado nas últimas páginas, que se esforça em ir na contramão do memoricídio que se vem operando sobre as trajetórias e experiências laborais e cotidianas de milhares de migrantes que labutaram nos campos paulistas, tal espaço digital consolida-se enquanto *lugar de memória* (Nora, 1993), ele é capaz de abrigar a memória coletiva, uma memória que ressurgiu dos subterrâneos dessas plantações.

Assim, *Vozes e Memórias*, como carrega em seu título, contém as vozes, experiências, trajetórias, sentimentos e ressentimentos de sujeitos, migrantes, trabalhadores(as) que se encontram silenciados e invisibilizados socialmente, sujeitos que foram escamoteados nos subterrâneos do chamado agronegócio brasileiro. Emerge desse importante espaço digital, existências humanas reais, muitas das quais não foram contabilizadas nos números frios das estatísticas e nem eternizadas nas linhas traçadas por aqueles que se dedicaram a contar uma história do rural e do agronegócio paulista.

É fundamental que esforços como *Vozes e Memórias* desfrutem de maior exposição e análise. As bases para a construção de uma história mais compreensiva e crítica jazem na incorporação de referências mais diversas, de ângulos previamente desconsiderados, de vozes que, em razão de sua posição precarizada e subalternizada, comumente permanecem sem ser ouvidas. Investigar incursões como essa é, na prática, repensar e oferecer um contraponto efetivo aos modelos que perpetuam o memoricídio.

Referências

- BAUER, Letícia. Acervos orais, acervos virtuais: museus, pessoas e histórias de vida. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 53-64, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo. Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas, 1).
- BOECHAT, Cássio Arruda. A questão agrária em São Paulo: debate sobre o fim do colonato e o surgimento do boia-fria na agricultura paulista. *Geosp – Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 203-225, 2020.
- DIAS, José Luciano de Mattos. Registro oral, história e grandes organizações. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1994. p. 98-123.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MACIEL, Lidiane; FAVORETTO, Thaís Mesquita. Migração e pendularidade entre famílias de trabalhadores rurais no interior de São Paulo. In: BAENINGER, Rosana; DEDECCA, Cláudio (Org.). *Processos Migratórios no Estado de São Paulo*. Campinas: Nepo/Unicamp, 2013. p. 407-419.
- MARTINS, Rodrigo Constante. Trabalho rural: o tempo da teoria e o tempo do boia-fria. *Contemporânea*, São Carlos, v. 14, n. 1, 2024.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. *Memórias e narrativas: história oral aplicada*. São Paulo: Contexto, 2020.
- MELO, Beatriz Medeiros de; MORAES SILVA, Maria Aparecida de. O noroeste paulista dos sitiantes: entre história e memória, liberdade e sujeição. *Revista Interdisciplinaria de Estudos Agrarios*, Buenos Aires, n. 38, p. 51-74, 2013.
- MELO, Beatriz Medeiros de; MORAES SILVA, Maria Aparecida de. As distintas faces da intermediação entre capital e trabalho rural no Brasil. *Eutopia*, Quito, n. 9, p. 45-61, 2016.
- MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. A modernização da agricultura e os impactos sobre o trabalho. *Pegada*, São Paulo, v. 3, 2002.
- MENEZES, Marilda Aparecida. Trabalho, família e migrações: uma relação afetiva e uma trajetória de pesquisa. *Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo*, Buenos Aires, v. 4, n. 7, p. 1-9, 2020.
- MENEZES, Marilda Aparecida. Camponeses-migrantes: narrativas, classe, gênero e raça. *Contemporânea*, São Carlos, v. 14, n. 1, 2024.
- MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Como “expulsar o camponês” do proletário. *Travessia*, São Paulo, v. 3, n. 8, p. 5-11, 1990a.
- MORAES SILVA, Maria Aparecida de. *As Andorinhas. Nem lá, Nem cá*. Laboratório de Memória e Sociedade - Unesp. Apoio: CNPq/FAPESP, 1990b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TYAr8M37Zs&t=94s>. Acesso em: 2 ago. 2024.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. A Migração como direito à vida. *Debate Migração e cidadania*, Guariba, v. 1, n. 1, p. 4-9, 1997.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Senhores da terra. *Senhores da Terra. Donos do mundo*. TRAMA UFSCar - Terra, Trabalho, Memória e Migração. Direção e Produção: OZ Produtora. Apoio: CNPq/FAPESP, 2005. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QwjTD6Pg_4I. Acesso em: 2 ago. 2024.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Experiência e memória na bagagem dos caminhantes da terra. *Teoria & Pesquisa*, São Carlos, n. 49, p. 35-64, 2006.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de; MELO, Beatriz de Medeiros de; APOLINÁRIO, Andréia Peres. A família, tal como ela é, nos desenhos das crianças. *Ruris*, Campinas, v. 1, n. 1, p. 105-156, 2007.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Expropriação da terra, violência e migração: camponeses maranhenses no corte da cana em São Paulo. *Cadernos CERU*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 165-180, 2008.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de; MELO, Beatriz Medeiros de. Partir e ficar: dois mundos unidos pelas trajetórias de migrantes. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 17, n. 33, p. 129-151, 2009a.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de; MELO, Beatriz Medeiros de. Desenhos e mapas: uma contribuição aos estudos migratórios. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, v. 10, n. 20, p. 41-52, 2009b.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. O trabalho oculto nos canaviais paulistas. *Perspectivas*, Araraquara, v. 39, p. 11-46, 2011a.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. *Fragments*. TRAMA UFSCar - Terra, Trabalho, Memória e Migração. Apoio: CNPq/FAPESP, 2011b. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=_jc_Fpv8L34. Acesso em: 2 ago. 2024.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Sabe o que é ficar borrado no eito da cana? *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 359-391, 2013.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de; MELO, Beatriz de Medeiros de; APOLINÁRIO, Andréia Peres. A família tal como ela é nos desenhos das crianças. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 21, p. 153-186, 2013.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de; BUENO, Juliana Dourado; MELO, Beatriz Medeiros de. Quando a máquina “desfila”, os corpos silenciam: tecnologia e degradação do trabalho nos canaviais paulistas. *Contemporânea*, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 85-115, 2014.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Nas cores dos desenhos, as travessias (não travessuras) das crianças maranhenses. *Travessia*, São Paulo, v. 82, p. 29-63, 2018.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. O que o imigrante traz em sua bagagem? O que ele deixa para trás? In: DIAS, Gustavo; BÓGUS, Lucia; PEREIRA, José Carlos Alves; BAPTISTA, Dulce (Org.). *A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad*. São Paulo: Educ, 2020.

p. 225-246.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de; REIS, Tainá. Em busca de um lugar de memória de trabalhadores/as rurais. Constituição de um repositório digital em dois espaços-tempos. *Travessia*, São Paulo, n. 89, p. 7-26, 2020.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Estudos Sociais, experiências de ensino e resistências em tempos sombrios: uma conversa com Maria Aparecida Moraes Silva - Entrevista concedida a Bruno César Pereira. *Askesis*, São Carlos, v. 11, n. 2, p. 365-376, 2022.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. A pesquisa como um “artesanato”. Entrevista concedida a Jeanne Mariel Brito de Moura Maciel. *RIET*, Dourados, v. 3, n. 1, p. 239-250, 2023a.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Entrevista concedida a Valéria Barbosa de Magalhães. *Revista Cordis*, São Paulo, v. 2, n. 30, p. 522-549, 2023b.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Na contramão do memoricídio, vozes e memórias de vidas talhadas com as mãos. Entrevista concedida a Bruno César Pereira. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, 2024a.

MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Trabalhadores rurais nos campos paulistas: histórias mutiladas. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, v. 32, p. 1-18, 2024b.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. *História Oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração e os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EdUSP, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia*, São Paulo, v. 13, n. especial, p. 7-32, 2000.

SAYAD, Abdelmalek. *La doble ausencia*. Paris: Anthropos, 2010.

VERÇOZA, Lúcio Vasconcellos de; MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Expropriação e memória na região dos tabuleiros de cana. *Askesis*, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 32-104, 2012.

VERÇOZA, Lúcio Vasconcellos de; MORAES SILVA, Maria Aparecida de. Cana, labor e adoecimento: a afirmação do nexos causal como uma forma de resistência. *Século XXI*, Santa Maria, v. 7, n. 1, p. 216-256, 2017.

VICENTE, Zuleica Maciel *et al.* Capitalismo brasileiro, enfim a paz! Por Maria A. Moraes: o trabalhador rural paulista e a produção do ser social. *Fim do Mundo*, Marília, n. 10, p. 174-201, 2023.

ZANATTA, Roberta. *O legado histórico nacional: memória, difusão e acesso: o caso da Brasileira Fotográfica*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UERJ, Rio de Janeiro, RJ, 2019.

Recebido em 16/12/2024

Versão final reapresentada em 16/01/2025

Aprovado em 16/12/2025

Contribuições dos autores: Pereira: planejamento da pesquisa, coleta de fontes, análise dos dados e redação; Carneiro: análise dos dados e redação.

Fonte de financiamento: nada a declarar.

Conflito de interesses: o primeiro autor é orientado pela pesquisadora homenageada.